

Collor evita ataques ao presidente na TV

Ex-governador desiste de criticar Sarney para ser diferente dos outros candidatos

PATRÍCIA ZAIDAN
e SANDRA SATO

O telespectador sintonizado no horário eleitoral gratuito a partir de amanhã não vai ouvir o candidato Fernando Collor de Mello falar mal do presidente Sarney. Collor percebeu que a tática de atacar o presidente da República já não empolga mais: "Sarney transformou-se em objeto de campanha de vários candidatos", disseram ontem assessores do PRN.

Fernando Collor pautou sua campanha na crítica às atitudes e ao governo de Sarney, chegando até a xingar a mãe do presidente no final da convenção do PRN em que foi escolhido candidato do partido. Na hora de decidir não levar as críticas ao programa do horário gratuito, Collor também levou em consideração as declarações feitas por Augusto Marzagão, secretário particular do presidente, segundo as quais Sarney exigiria direito de resposta sempre que seu nome fosse mencionado pelo ex-governador de Alagoas.

O candidato do PRN vai mostrar, no vídeo, com muito cuidado, a nova versão Collor de Mello: um predestinado ao Palácio do Planalto, que não tem vocação política. Há dois dias ele vem tentando convencer as platéias onde discursa, de que seu desejo era "ser apenas empresário e dirigir as rádios, o jornal e as emissoras de TV da família". O cuidado é para não se parecer com o ex-presidente Figueiredo que ao deixar o governo declarou não gostar de política e de estar aliviado ao entregar o cargo.

Collor disse ontem aos 300 empresários ligados à Câmara de Comércio Brasil-Alemanha, com quem almoçou no Buffet

Torres, em São Paulo, que está na política por imposição da família. "Quando meu pai (o ex-governador Arnon de Mello) morreu, em 1983, a minha família se reuniu e decidiu que não poderia ficar sem representante político", lembrou. "Eu era o mais reticente em questões políticas. Não tinha vocação para isso, não fazia parte de meus planos."

Ex-prefeito de Maceió, ex-deputado federal, ex-governador, Collor quer agora passar uma imagem de que não é parecido com os políticos convencionais e vai administrar o País como um empresário. "Um empresário contra qualquer tipo de reserva de mercado", garantiu para delírio dos executivos alemães responsáveis pela segunda maior fatia — depois dos americanos — de investimentos externos, no Brasil. "Sou a favor do capitalismo, mas de um capitalismo nunca visto no País, que não compactua com a ineficiência e com a miséria".

O discurso lido por Collor — idêntico ao apresentado às 900 pessoas que lotaram o Sesc antontem em Santos — durou 17 minutos. Com ele, o candidato pôde demonstrar sua política habitacional e suas intenções para resolver os problemas da área da saúde e garantir que reduzirá a inflação a 3% ao mês, num prazo de 18 meses. É assim que gosta de fazer campanha: falando sozinho, à distância dos adversários. Por isso, voltou a afirmar ontem que não pretende comparecer a debates.

Collor mostrou-se irritado apenas uma vez: quando soube que sua assessora havia declarado que a imprensa o estava tratando com antipatia. "Ela só entende de economia", disse, referindo-se a Zélia Cardoso de Mello. "Quem entende de política sou eu", completou.

O candidato encerrou a visita a São Paulo em uma reunião, na casa do irmão, Leopoldo, com assessores diretos. Eles discutiram o encontro que Collor tenta manter com o presidente do Grupo Votorantim, Antônio Ermirio de Moraes. Ermirio informou não ter-se reunido ontem com o candidato.



Collor a empresários: "Sou a favor de um capitalismo nunca visto no País, sem ineficiência e miséria"

Itamar Miranda/AE